

CONVERSAS...

Uns quinhentos anos antes da era cristã aconteceu na Magna Grécia a melhor coisa registrada na história universal: a descoberta do diálogo. A fé, a certeza, os dogmas, os tabus, as tiranias, as guerras e as glórias assediavam o orbe; alguns gregos contraíram, nunca saberemos como, o singular costume de conversar. Duvidaram, persuadiram, discordaram, mudaram de opinião, adiaram...Sem esses poucos gregos conversadores, a cultural ocidental é inconcebível...(Jorge Luiz BORGES, 2009)

Além disso, nunca se sabe aonde uma conversa pode levar...uma conversa não é algo que se faça, mas algo no que se entra...e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não havia sido previsto...e essa é a maravilha da conversa...que, nela, pode-se chegar a dizer o que não se queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer...

E, mais ainda, o valor de uma conversa não está no fato de que ao final se chegue ou não a um acordo....pelo contrário, uma conversa está cheia de diferenças e a arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças...mantendo-as e não as dissolvendo...e mantendo também as dúvidas, as perplexidades, as interrogações...e isso é o que a faz interessante...por isso, em uma conversa, não existe nunca a última palavra...por isso uma conversa pode manter as dúvidas até o final, porém cada vez mais precisas, mais elaboradas, mais inteligentes...por isso uma conversa pode manter as diferenças até o final, porém cada vez mais afinadas, mais sensíveis, mais conscientes de si mesmas....por isso uma conversa não termina, simplesmente se interrompe...e muda para outra coisa...(LARROSA, 2003, p.212/13).

Estando este dossiê organizado, é preciso lembrar que a ideia de sua *tessitura* apareceu em uma *conversa* entre seus organizadores (Nilda Alves e Jean Houssaye). Como para sua realização precisávamos de alguns outros, procuramos, em outras *conversas*, obter a participação de alguns colegas das instituições envolvidas – ProPEd-UERJ, CIVIIC-Université de Rouen/Musée national de l'Éducation-INRP – que, de imediato, aceitaram participar deste dossiê com seus textos. Em outra *conversa*, na discussão de como faríamos a tradução dos textos, J. Houssaye sugeriu que os mesmos fossem publicados – todos - nas duas línguas originais. E assim foi decidido, com as instituições se responsabilizando por traduzir para a outra língua os textos produzidos por seus pesquisadores. O contato com a editora de TEIAS – Inês Barbosa de Oliveira - foi necessário, pois abríamos uma nova possibilidade para a Revista. Elizabeth Macedo entrou nesta *conversa* e indicou como isto seria interessante para o ProPEd, do ponto de vista da publicação, criando, talvez uma tendência que poderíamos estender a outros números da revista.

Na primeira *conversa* referida, foi decidido que precisávamos mostrar artigos resultantes de pesquisas nas quais nossos professores e estudantes tinham feito *uso* (CERTEAU, 1994) do material numeroso, diferente e tão fascinante acumulado no Musée nacional de l'Éducation, do INRP, em Rouen. Sim porque, nas *conversas* que nossos grupos de pesquisa vinham realizando, desde 1996, havia, quase sempre, um “terceiro incluído”: o acervo tão acessível deste Museu, com seu pessoal – de pesquisadores aos técnicos – sempre presente e fazendo da possibilidade de acesso, um prazer.

Assim, queríamos mostrar aos leitores, como se tece uma rede internacional de conhecimentos, através a relação de três instituições preocupadas em comum com a educação nos dois países. Que para que esta tessitura se desse, não era necessário temáticas exclusivas ou sentido único na troca, como é comum em outras áreas. As conversas que fomos tecendo, incluíram, sem dúvida, uma grande preocupação comum que é a de conseguir articular os modos como relacionávamos: às trocas históricas, em educação, entre nossos dois países; a busca de saídas que têm sido buscadas, lá e cá, quanto à educação de crianças, jovens e adultos, entendendo-a como direito universal; a preocupação crescente com a formação de professores. Do ponto de vista metodológico, em nossas conversas sistematizadas em idas e vindas para os dois lados do Atlântico, queríamos compreender, no confronto e no diálogo, as maneiras como os diferentes processos de nossas buscas científicas podem contribuir para pensarmos juntos o campo de pesquisas em educação. Concretamente, exemplificado por este mesmo dossiê, estão as diferenças de elementos que usamos, prioritariamente, as duas equipes: os textos históricos, na equipe francesa, e as imagens, para a equipe brasileira, com Marie-Françoise Boyer-Vidal, do Musée, se encarregando de fazer a ponte entre as duas equipes, como tem feito nos seminários “As redes de conhecimentos e as tecnologias” realizados na UERJ.

Preocupados com o conhecimento do que é o Musée nacional de l'Éducation pelos brasileiros, especialmente, os organizadores desse dossiê decidiram acrescentar, a seguir, um texto sobre o que vem a ser esta instituição para todos nós, cuja redação ficou a cargo de J. Houssaye:

Atualmente situado em Rouen e Mont Saint Aignan, o Museu Nacional da Educação (MNE) é um dos cinco museus nacionais franceses que dependem do Ministério da Educação Nacional. Ele faz parte do *Institut National de la Recherche Pédagogique*/Instituto Nacional da Pesquisa Pedagógica (INRP), cuja sede encontra-se presentemente em Lyon. Contudo, podemos considerá-lo como a matriz do INRP, em favor do que testemunha a sua história.

O NASCIMENTO DO MUSEU

Esta história, Guillemeau nos apresenta (1979). Sabe-se da devoção dos franceses pelas grandes leis escolares de Jules Ferry, quem, nos anos 1880, institucionalizou a escola laica, gratuita e obrigatória. Aquilo sobre o que sabemos menos é justamente que o próprio Ferry, quando da sua primeira passagem pelo Ministério da Instrução Pública e das Belas Artes (4 de fevereiro de 1879 – 13 de novembro de 1881), foi quem instituiu o Museu Pedagógico, através de um decreto em 13 de maio de 1879.

Inicialmente, o Museu compreendia dois serviços distintos: uma exposição de materiais de ensino; uma biblioteca francesa e estrangeira. É interessante notar que o Museu atual ainda se define por estas duas funções. Por que haveria necessidade de um museu? Em razão dos poderes

políticos da época pretenderem conservar e continuar a expor os objetos oferecidos à França pelos vinte e sete Estados que haviam participado da Exposição Universal de 1878 em Paris. Cada pavilhão do corredor das Nações desta exposição compreendia exemplares de material escolar e o próprio setor da cidade de Paris era, igual e fortemente, constituído pelas exposições das escolas primárias parisienses. Por conseguinte, havia ali um conteúdo capaz de compor um museu pedagógico daquele tempo.

Criado em Paris, o Museu Pedagógico seria submetido a várias mudanças de endereço, em razão da incapacidade de se encontrar instalações adequadas. A partir de 1881, ele foi dividido em quatro seções: o material escolar (as plantas baixas dos prédios escolares, os tipos de mobília escolar); os equipamentos de ensino (lousas, modelos, coleções geográficas); a biblioteca central (livros de professor, livros de aluno, obras para as bibliotecas populares); os documentos relativos à história da educação. Em princípio, o Museu pretende se constituir em um centro de informação sobre o ensino, tanto para a França quanto aos olhos do estrangeiro. Ele ensaja colocar à disposição aquilo que se faz (e deveria ser feito), muito mais que aquilo já feito. O seu papel, por intermédio da conservação, consiste em levar ao conhecimento sobre os meios e as práticas. É justamente o perfil de um instrumento de formação e difusão que Ferdinand Buisson, diretor do ensino primário e verdadeiro inspirador da criação do Museu, pretendeu acrescentar às atribuições deste último. Assim, os autores, editores e indústrias gráficas são chamados a doarem as suas últimas produções.

Inicialmente, o Museu Pedagógico destinava-se a servir como acervo e fundo de reserva para os museus escolares, para os quais um desenvolvimento fora previsto em uma circular ministerial de 1903. Portanto, ali se encontrava equipamentos, materiais, métodos e realizações produzidas por mestres e alunos. Tratava-se assim de um lugar de testemunho da criação pedagógica dos professores e professoras da França e das suas colônias. Pode-se considerar que, em 1914, as coleções do Museu compreendiam nada menos que entre cinco e seis mil objetos diversos.

Bem entendido, é possível estimar que estas coleções, na realidade díspares e formadas aleatoriamente graças às doações, não propiciavam senão uma visão fragmentada, em esferas específicas, dos materiais colocados à disposição do corpo docente. Um perfil idêntico poder-se-ia atribuir à Biblioteca Central do Ensino Primário, alimentada, além do que provinha da Exposição de 1878, por um lado pelas doações dos editores e, por outra parte, pelos créditos orçamentários do Museu Pedagógico. Em seu acervo havia documentos históricos e estatísticos, assim como manuais escolares franceses e estrangeiros. Entretanto, a compra de itens de bibliotecas pedagógicas privadas permitiria, posterior e sensivelmente, acrescer a base daquilo que se tornaria a Biblioteca Central do Ensino Público (10.127 volumes em 1884, dentre os quais 7.786 em francês). Em 1883, Buisson atribui-lhe nestes termos as suas linhas gerais: “O Museu não atingirá as suas metas senão quando verdadeiramente oferecer ao público estudioso um centro de informação e no momento em que constituir-se em um meio que favoreça e estimule o estudo... A Biblioteca Pedagógica é um estabelecimento de ensino; não se trata de um simples depósito e tampouco de um mero ‘conservatório’.” Assim sendo, os fundadores do Museu Pedagógico entendiam que a Biblioteca Central do Ensino, criada em proveito e para uso exclusivo dos mestres, deveria fornecer e propor a estes últimos todos os documentos que lhes fossem úteis no exercício da sua função educativa (em 1913, seriam emprestados cerca de 36.000 volumes).

Seguindo este mesmo espírito, o Museu decidiria estender a possibilidade dos empréstimos aos membros do corpo docente do interior do país e, inclusive, aos instrutores isolados. Em 1882,

criar-se-ia uma biblioteca itinerante composta por três seções: letras, ciências e pedagogia. O empréstimo, gratuito, realizava-se por via postal; 494 obras estavam à disposição em 1898. Também em 1882, o Museu faz da *Revue pédagogique* [Revista Pedagógica] o seu órgão oficial. Buisson, uma vez mais, dela seria um dos principais incentivadores. O objetivo consistia em, além de tornar acessíveis os documentos administrativos, “promover o estudo, impulsionar os trabalhos pessoais, permitir a produção e a livre expressão de todas as opiniões pedagógicas, suscitar uma discussão livre e digna... A revista representa, por assim dizer, um congresso pedagógico permanente e universal”. Completando o esforço de informação, a partir de 1885, sucederiam à revista os *Mémoires et documents scolaires* [Dissertações e Documentos Escolares], os quais teriam como meta levar ao conhecimento dos “trabalhos ou documentos de interesse para o Ensino Público em suas diferentes esferas”. Desta coleção, 140 fascículos seriam publicados. Por outro lado, em 1896, o Museu Pedagógico herdaria coleções de imagens em vidro [cromoscopia] para projeções luminosas, apresentadas em séries organizadas em caixas de madeira. À época, elas eram utilizadas no quadro de conferências populares, em cursos para adultos e no exército. Estas imagens eram, inicialmente, enviadas aos inspetores de ensino e oficiais que as solicitassem, antes que produtos mais adaptados fossem, a partir de 1905, oferecidos aos professores do ensino secundário.

Finalmente, em 1901, um *Office d'information et d'études* [Secretaria de Informação e Estudos] é criado no Ministério. Ele tem como função centralizar os documentos oficiais e as publicações concernentes à organização do ensino público na França e no estrangeiro, fornecer informações ao Ministério acerca das experiências em curso (notadamente no estrangeiro), conduzir prospecções e publicar estudos e relatórios sobre questões da ordem do dia. Em 1903, por sua vez, esta Secretaria seria anexada ao Museu. De tal modo que, em 1903 e sob a mesma bandeira, o Museu Pedagógico compreenderia sob a sua autoridade: um museu, uma biblioteca e um departamento de estudos, todos ligados por um objetivo comum. Sob os seus auspícios, igualmente organizar-se-iam conferências (sobre o ensino das ciências naturais e da geografia, sobre o ensino da gramática, etc.), além de conteúdos preparatórios para os concursos dos ensinos primário e secundário (um curso de legislação e administração escolar; um curso destinado ao professor de ciências da educação na Universidade de Paris)

O DESENVOLVIMENTO DO MUSEU

Esta configuração vigoraria ainda em 1925. Em seu relatório, o diretor (Lucien Herr) menciona os seguintes recursos: a Biblioteca Geral compreende cerca de 100.000 volumes; a Biblioteca Itinerante alcançou realizar 4.485 empréstimos em um ano; o Museu do Ensino Público encontra dificuldades em seu desenvolvimento, em razão de alocações insuficientes e da falta de pessoal; o Serviço de Exibição de Imagens em Vidro e Filmes possui aproximadamente 200.000 clichês e 2.182 filmes; a Secretaria de Informações e Pesquisas assegura o intercâmbio de assistentes e divulgadores com países estrangeiros, além de realizar com êxito levantamentos específicos, os quais suscitam reconhecidas publicações; os cursos sobre legislação escolar preparam para os concursos da inspetoria primária e as conferências pedagógicas são destinadas aos candidatos à agregação.

Neste estágio, por vezes qualificado como degradado, o Museu Pedagógico não mais se apresenta na qualidade de museu propriamente dito, já que o próprio setor tende a entrar em

decadência. Assim, comissões (tal qual aquela coordenada por Langevin, em 1927) e relatórios propunham, de mais em mais, substituir o Museu Pedagógico por um Instituto Pedagógico, medida que seria implementada trinta anos mais tarde. Porém, em 1932, o Museu Pedagógico tornar-se-ia o *Centre national de documentation pédagogique* [Centro Nacional de Documentação Pedagógica] (CNDP), ligado à direção do Ensino Primário do Ministério da Educação Nacional. Justamente nesta ocasião, ele se instalaria na Rue d'Ulm, 29, endereço onde sediar-se-ia durante mais de sessenta anos, permitindo-lhe, ao menos ao longo dos períodos iniciais, expandir-se espacialmente. Diferentemente nomeado, o estabelecimento continuaria a garantir as suas funções tradicionais. O impulso conferido ao ensino e às obras educacionais pelos governos posteriores a 1936 (Jean Zay e Léo Lagrange) perderia o seu ímpeto, ofuscado pelas dificuldades originadas pela guerra e pelos seus desdobramentos, de tal forma que o Pós-Guerra caracterizar-se-ia, durante cerca de uma década, pela estagnação praticamente absoluta do estabelecimento. Não obstante, em 1939, pode-se observar que um serviço de ensino por correspondência instalar-se-ia para os homens militarmente convocados. Ele seria estendido aos alunos das famílias confinadas em consequência dos acontecimentos do conflito, tornando-se após o armistício o *Centre national d'enseignement par correspondance* [Centro Nacional do Ensino por Correspondência]. Além disso, em 1946, o Museu Pedagógico (pois, na realidade, o nome continuaria a ser empregado) é a sede social de certo número de movimentos e associações pedagógicas escolares e consortes.

Em 1950, o Centro Nacional de Documentação Pedagógica compreende os serviços centrais de documentação e informação do Ministério da Educação Nacional, o Museu do Ensino Público (Museu Pedagógico, propriamente dito), a biblioteca, a cinemateca e a fonoteca centrais do ensino público, os movimentos e associações pedagógicas, o Centro Nacional de Estudos Pedagógicos, bem como o Centro Nacional do Ensino por Correspondência. Justamente este conjunto, em 1956, comporia o *Institut pédagogique national* [Instituto Pedagógico Nacional], simultaneamente à intensificação do desenvolvimento dos Centros Regionais e Departamentais de Documentação Pedagógica. Doravante, aquele Museu Pedagógico de 1879 reduzir-se-ia a uma remota lembrança e o próprio museu não seria nada além de uma faceta, assaz terna, daquele grande estabelecimento. Em suma, restar-lhe-ia o mérito de representar o marco original de todo este processo de desenvolvimento.

AS RECONFIGURAÇÕES

Construído paulatinamente, o Instituto Pedagógico Nacional (IPN) reuniria desde logo três atividades: documentação e difusão; pesquisa e experimentação; produção e distribuição. Ele se caracterizaria, na primeira terça porção do século XX, por fortes, e muitas vezes dolorosas, reconfigurações institucionais. No entanto, ele inicialmente aparenta primar por uma continuidade e um reconhecimento das suas atividades.

Assim sendo, de 1952 a 1967, assistiu-se ao apogeu do rádio e da televisão escolares, destinados a uma formação acelerada dos professores, no imediato posterior da explosão demográfica e da escassez de professores. Anualmente, 2.500 emissões de rádio e 930 televisivas (20 a 25 minutos cada emissão) são asseguradas pelo IPN, no tocante aos conteúdos. Todavia, uma audiência demasiado fraca impossibilitaria a continuidade destes programas.

Por sua parte, mantidos por muito tempo em estado de dependência ou à distância pela tutela, os serviços da pesquisa pedagógica ampliar-se-iam e produziram efeitos sobre as decisões ministeriais, antes e após 1968, com bases em experimentações nas salas de aula.

Maio de 1968 representa um ponto de inflexão, o IPN seria renomeado pelos contestadores, transformando-se em *Institut Pédagogique Populaire* [Instituto Pedagógico Popular]. O movimento desenvolveria intensa atividade no seio da instituição, proeminência que posteriormente provocaria o desmantelamento desta última, quando do refluxo “dos acontecimentos de Maio de 1968”. Em 1970, encontramos portanto perante três organismos:

- O Centre National de Télé-enseignement [Centro Nacional de Ensino à Distância], tornado independente.

- O Office Français des Techniques Modernes d'Éducation [Secretaria Francesa das Técnicas Modernas de Educação], igualmente tornado independente e voltado para as produções audiovisuais.

- O INRDP (*Institut National de Recherche et de Documentation Pédagogique*) [Instituto Nacional de Pesquisa e de Documentação Pedagógica], reconfigurado e adquirindo ares de sucessor do Museu Pedagógico de 1879.

Paralelamente à sua especialização no âmbito da pesquisa, relativamente submetida às demandas ministeriais, o INRDP daria continuidade ao desenvolvimento da política de incentivo às revistas de pesquisa (“Repères”, “La Revue Française de Pédagogie”) e de formação (“Textes et documents pour la classe”).

Uma nova cisão aconteceria em 1976. Após a formação de uma rede de Centres Régionaux et Départementaux de Documentation Pédagogique [Centros Regionais e Departamentais de Documentação Pedagógica] destinados a tornar acessível aos educadores um fundo documental de duplo perfil, permitindo tanto a consulta quanto o empréstimo, a Documentação Pedagógica do INRDP integrar-se-ia ao OFRATEME. Desde então, menciona-se o INRP-*Institut National de la Recherche Pédagogique* [Instituto Nacional da Pesquisa Pedagógica], por um lado, encarregado de acolher e desenvolver as pesquisas pedagógicas e a sua difusão (atualmente existem oito revistas) e, por outra parte, de manter-se como centro de recursos documentais em educação (biblioteca, Museu Nacional da Educação). Finalmente e sempre enfrentando adversidades, justamente em 2005 o INRP migraria para a cidade de Lyon, onde atualmente se encontra.

OS RECURSOS DO MUSEU NACIONAL DA EDUCAÇÃO

Mas, no tocante ao Museu Pedagógico dos primórdios, legítimo ancestral do atual INRP, o que se pode dizer a seu respeito neste contexto? Pode-se considerar que, em meio a todo este desenvolvimento e adversidades, ele certamente sobrevive, porém paulatinamente não mais se encontraria no centro da instituição. Inclusive e sob uma indiferença generalizada, coube-lhe ser o primeiro a ser descentralizado, instalando-se na cidade de Rouen, em 1979 (por ocasião dos seus 100 anos). Porém, ele preservaria parte das suas missões originais, voltando-se, todavia, cada vez mais para a conservação do passado da educação, função nem sempre a ele atribuída (conferir a sua origem). Hoje, ele é composto por duas entidades: um centro de exposição aberto ao público; um centro de recursos e pesquisa, composto por mais de 900.000 documentos.

É precisamente este último aspecto que particularmente nos interessa, haja vista que especialmente deste fundo provêm os artigos deste número. Deste modo, os pesquisadores dispõem de um conjunto de coleções, acessível (ao menos parcialmente) a partir da base de dados Mnémosyne, disponível no site do INRP (www.inrp.fr).

Resta-nos rapidamente precisar as rubricas, contentando-nos em ilustrá-las. A organização é temática, em torno de seis grandes classes.

A história geral da educação é a primeira. Ela compreende textos normativos relativos ao ensino na França (900 documentos, dentre os quais decretos reais ou imperiais), monografias escolares (400 documentos que retraçam a história de estabelecimentos de ensino), estudos e iconografia relativos à história da educação (relatórios e levantamentos concernentes ao sistema de educação, estudos estatísticos e mapas, gravuras e cartazes), comemorações e emblemas (centenas de medalhas, bustos, gravuras e fotografias), lembranças e relatos de infância (autobiografias, desenhos infantis), documentos sobre a história do ensino no estrangeiro (cartões postais, imagens, publicações), documentos ligados aos desafios políticos e debates sociais acerca do sistema escolar (400 documentos, dentre os quais cartazes e publicações) e uma biblioteca com um acervo de obras para consulta, contendo obras de referência e instrumentos de trabalho sobre as coleções (estampas, enciclopédias, dicionários).

A história material do ensino, segunda classe de dados, reúne todos os documentos relativos à gestão cotidiana das instituições escolares. Eles se referem à organização administrativa (460 prospectos, regulamentos e estatutos de estabelecimento, 67 cartazes de regulamentos internos, 500 documentos impressos ou manuscritos, tais como correspondências), à administração central (relatórios, monografias), aos prédios escolares (10.000 documentos de prédios escolares de todos os níveis, plantas baixas, estampas, 3.400 cartões postais, 5.600 fotografias), à mobília escolar (várias centenas de escrivaninhas, mesas de professor, lousas, móveis de dormitórios e de refeitório, catálogos, cartões postais, fotografias).

A terceira classe, a história dos conteúdos e métodos pedagógicos, é uma das mais ricas, com mais de 100.000 itens. Nela estão repertoriados a iconografia, as biografias e as lembranças de pedagogos e sábios (350 retratos de pedagogos, 50 documentos sobre Rousseau, correspondências), os métodos e conteúdos curriculares (cerca de mil obras e documentos diversos sobre a formação inicial ou continuada dos mestres, cadernos preparatórios de cursos, grades horárias, tratados sobre educação). Deve-se conceder um posto especial ao Fundo Freinet, certamente o mais considerável: 250.000 jornais escolares, várias centenas de realizações gráficas ou plásticas de alunos, materiais destas aulas, fotografias, publicações e periódicos, a coleção da revista “L’imprimerie à l’école”, material de impressão, arquivos cooperativos, kits didáticos, realizações de crianças, manuscritos, etc. Ainda nesta terceira classe, são encontrados documentos sobre a disciplina e o controle dos conhecimentos (registros de frequência, punições, recompensas, programas de distribuição de prêmios, teses e estampas de teses, 1.000 diplomas), acerca dos conteúdos pré-primário, primário e literário (2.500 cadernos de alunos, 6.000 documentos didáticos, 25.000 manuais, 300 atlas, fitas de áudio, discos, filmes, *slides*), sobre os conteúdos científicos (20.000 itens, dentre os quais manuais escolares, cadernos de matemática e ciências naturais, 200 documentos de ciências naturais, aparelhos de ciências físicas), acerca de outras matérias (desenho, pintura, modelagem, música, trabalhos manuais, atividades domésticas, educação física e esportiva, formação da consciência

nacional e patriótica, instrução pré-militar e militar), sobre a educação especializada, as atividades periescolares e paraescolares, bem como sobre o ensino no estrangeiro.

Os meios e ferramentas de ensino estão reunidos na quarta classe. Encontra-se tudo aquilo que diz respeito à edição e à difusão dos livros e do material para os estabelecimentos de ensino (catálogos, material de propaganda), aquilo que concerne os meios audiovisuais e de informática (material de projeção e sonorização, 21.500 imagens em vidro/cromoscopia, imagens em papel, *slides* e 6.500 filmes fixos, filmes, dentre os quais filmes alemães e americanos sobre a Segunda Guerra Mundial, rádio e televisão escolares, equipamentos para o ensino e computadores), além daquilo que procede do material escolar (1.200 peças, entre lápis, canetas-tinteiro, mais de 3.000 mata-borrões, mais de 2.100 capas de proteção para caderno).

A quinta classe está voltada para os hábitos e costumes escolares. Ela retrata o cenário da vida escolar (pinturas remontando ao século XVII, gravuras datadas desde o século XVI, 1.300 cartões postais, 9.800 fotos, desenhos infantis), a vida privada dos professores (testemunhos, documentos ilustrando as suas atividades), as festas e excursões escolares (cartazes, cartões postais, estampas, caricaturas, fotos), os ritos tradicionais (ceias de balbúrdia e de trote, gravuras, cartões postais), o vestuário de crianças, alunos e professores (peças de vestimenta, gravuras, cartões postais, fotografias) e as tradicionais fotos de turma (álbuns, filmes).

A sexta classe é dedicada à criança em seu ambiente familiar e na sociedade (além dos limites do sistema escolar). Trata-se da primeira infância (iconografia, objetos, fontes impressas, estampas, materiais didáticos); da criança e a vida familiar (cartas, imagens de piedade, catecismos, abecedários religiosos, literatura infanto-juvenil, *slides*, filmes, 1.000 retratos e imagens da criança ou do mundo infantil); da criança na sociedade (cartazes propagandísticos ou não, monografias sobre os orfanatos e as obras laicas ou confessionais); das publicações e coleções de imagens para a juventude (1.000 documentos com a imagética popular referente aos contos, histórias infantis, canções populares, aos acontecimentos históricos, à moral, às festas religiosas, à geografia mundial, bem como mais de 5.000 títulos de literatura infanto-juvenil e livros de premiações); e, igualmente, de jogos e brinquedos infantis (4.000 itens e 1.000 imagens impressas, os quais podem ser divididos em jogos e brinquedos para a destreza e a motricidade, jogos de ilusão de ótica, jogos e brinquedos militares ou musicais, jogos e brinquedos de imitação, jogos de paciência, brinquedos para a primeira infância, bonecas e acessórios, jogos de mesa, jogos e brinquedos de transporte, etc.).

Ambiente de memória, lugar de conservação, atualmente o Museu Nacional da Educação pretende, antes e sobretudo, constituir-se como um lugar onde se coloque à disposição recursos e no qual se ofereça apoio à pesquisa. A diversidade de artigos deste número testemunha ao seu modo da amplitude e da riqueza dos fundos disponíveis, os quais não aguardam senão... novos pesquisadores em educação, no Brasil, na França e alhures! Na qualidade de conservatório patrimonial no domínio da história da educação e da infância, este Museu espera contribuir para dinamizar a pesquisa em educação.

Esperamos, finalmente, conseguir que nossas conversas prossigam, incluindo, a publicação de outros dossiês, do mesmo tipo, a partir da contribuição de outros pesquisadores das três instituições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Jorge Luiz. Prólogo. In BORGES, Jorge Luiz e FERRARI, Osvaldo. *Sobre a filosofia e outros diálogos*. S. Paulo: Hedra, 2009: p. 27.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

GUILLEMOTEAU, R. *Du Musée Pédagogique à l'Institut Pédagogique National (1879-1956)*. Paris: Centre national de documentation pédagogique, 1979.

LARROSA, Jorge. Epílogo. A Arte da conversa. In SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença – e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: D,P&A, 2003: 211 - 216.

LÉAUD, A. e GLAY, E. (1934) *L'école primaire en France*. Paris: La cité française, 1934.

MAJALULT, J. *Le Musée pédagogique, origines et fondations (1872-1879)*. Paris: Centre national de documentation pédagogique, 1978.

_____. *Comptes, mécomptes, décomptes. Au service de la pédagogie : une institution (1940-1980)*. Paris: Casterman, 1980.